

BILLIONS – TEIA DE PERSONAGENS E FOCO NARRATIVO NA CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA TEMPORADA

Angélica Marques Coutinho¹

Resumo: A série norte-americana *Billions* foi criada por Brian Koppelman, David Levien e Andrew Ross Sorkin e estrelada por Paul Giamatti e Damian Lewis. Exibida pelo *Showtime*, a partir de janeiro de 2016, teve cinco temporadas, ainda hoje disponíveis no *Netflix*. Esta comunicação escolhe dois caminhos para analisar a estratégia narrativa de construção da história seriada. O primeiro é a teia de personagens que estuda a relação dos personagens principais ao longo do arco narrativo. Em *Billions*, temos os coprotagonistas Chuck Rhoades Jr. (Giamatti) e Bobby Axelrod (Lewis) em constante confronto representando, respectivamente, o poder do Estado e o poder do dinheiro sob as regras do capitalismo norte-americano. Entre ambos, Wendy Rhoades (Siff), mulher de Chuck e psicóloga da empresa de Bobby, que funciona como um espectador privilegiado dividida entre as razões de ambos. O segundo caminho é analisar como a utilização do foco narrativo constrói a surpresa ao manter o espectador alheio às questionáveis decisões dos coprotagonistas, em particular no caso de Chuck que não apenas “traí” a confiança do espectador, como de outros personagens-aliados como o pai Chuck Rhoades (DeMunn) e o amigo Ira Schirmer (Kunken).

Palavras-chave: Personagem Ficcional; Foco Narrativo; Série Televisiva.

Contacto: angelicacoutinhorj@gmail.com

A pensata da série norte-americana *Billions* poderia ser: “a gente faz o que é necessário para defender nossos princípios”. Aliás, o que não falta na série é personagem que a todo tempo repete: “we do what it takes”. E, ainda, se comportam a partir desse conceito, sendo que os princípios podem ser defendidos de maneira diversa e extrema pelos dois principais personagens da trama: o promotor público Charles Rhoades Jr. e o homem do mercado financeiro Robert Axelrod. No centro de tudo aquilo que o título da série nos indica: o dinheiro.

O episódio-piloto dedica suas três primeiras cenas a apresentar Charles “Chuck” Rhoades Jr. A primeira uma cena íntima em que Chuck é torturado em um jogo sexual com uma mulher que ainda não identificamos. Em seguida, é-nos apresentada a

¹ Angélica Marques Coutinho é especialista em mercado audiovisual, roteirista e professora universitária. Coordena dois programas de audiovisual na Faculdade Hélio Alonso: MBA em Produção Audiovisual e Pós-graduação em Roteiro.

Coutinho, Angélica Marques. 2022. “*Billions* – teia de personagens e foco narrativo na construção da primeira temporada”. In *Atas do X Encontro Anual da AIM*, editado por Carlos Natálio, Elisabete Marques e Marta Pinho Alves, 127-134. Lisboa: AIM. ISBN: 978-989-54365-4-5.

Procuradoria do Distrito Sul de Nova Iorque através de dois servidores Kate Sacker e Bryan Connerty. Em uma curta cena na qual Kate adverte a um estagiário que ele deve ser muito correto porque aquela é uma área na qual ninguém pode andar fora da linha porque “quem se senta na cadeira de Chuck se torna prefeito, governador (...)”, ficamos sabemos que a pretensão do protagonista é grande: ele aspira a um cargo executivo. Até que Bryan se aproxima e lembra que são os mesmos conselhos que ele deu quando da chegada de Kate na Procuradoria. Ela replica: “há 18 meses”. E Bryan informa que alguém os espera. É-nos revelado que o chefe da Procuradoria é aquele homem que vimos em cena íntima na abertura da série.

A terceira cena reúne Chuck-Bryan-Kate no escritório quando irrompe na sala, sem convite, Ari Spyros, da Comissão de Valores Imobiliários, com uma denúncia sobre movimentações ilegais no mercado financeiro envolvendo Robert Axelrod. A partir do momento em que a foto de Axelrod toma a tela, somos apresentados ao antagonista de Chuck com a voz deste em off: “O maldito Bobby Axelrod. Homem do povo” e a imagem do personagem comendo uma fatia de pizza com a mão. Inicia-se a quarta cena em que Bobby está em uma pizzaria com sua esposa Lara. Aos 3’50’’ do piloto, passamos a entender o que Chuck quis dizer com “homem do povo”: hoje, apesar de bilionário, Bob ainda frequenta a pizzaria de sua infância e dispõe-se a virar sócio do dono que está passando por dificuldades financeiras. E mais: mostra a face de hábil negociador que convenceu quem queria fazer da pizzaria uma loja de falafel a se instalar em um shopping. Sabemos também que Bob veio de uma infância pobre e que era ali que comia pizza de graça e como ele é um “homem do povo”, ele reconhece e retribui a gentileza do passado ajudando financeira o negociante.

A quinta cena é a apresentação da face “homem do mercado financeiro” de Axelrod. Nós o vemos na Axe Capital com dois funcionários que apresentam a possibilidade de um grande lucro em uma compra de ações. Depois de um breve debate, ele desmonta a perspectiva de negócio, pois entende que será um prejuízo, impressionando um dos funcionários que é novato na empresa.

A sexta cena nos traz de volta ao escritório de Chuck sendo pressionado a abrir um caso contra Bobby. Como ele resiste, Ari Spyros insinua que tem algo a ver com a esposa do procurador do Distrito Sul.

Em apenas 8’30”, temos um enorme volume de informação apresentando os dois principais personagens. Neste ponto, é importante notar que apesar de Chuck Rhoades dominar a sequência inicial do episódio-piloto composto por três cenas, o que sugeriria

ser dele o papel de protagonista, como é padrão nas narrativas ficcionais, defendemos aqui que ele e Bobby são coprotagonistas devido à força de atração e repulsão que se estabelece entre eles. Podemos inclusive defender que a antagonista de ambos é Wendy Rhoades, esposa de Chuck e psicóloga na Axe Capital.

Voltaremos ao papel de Wendy mais a frente. Agora é importante caracterizar como o embate entre os coprotagonistas se estabelece. Eles estão em conflito em o que chamamos de campo simbólico dos princípios da América do Norte capitalista. Bobby Axelrod é um legítimo representante do capitalismo, o homem que veio de baixo, faz dinheiro sem culpa, se tornou extremamente bem-sucedido e ajuda outros financeiramente. Não é apenas o dono da pizzaria de sua infância que Bobby socorre ao se tornar sócio. Ele paga o primeiro ano de faculdade dos filhos dos seus ex-sócios que morreram no 11 de Setembro, assim como faz doação ao Corpo de Bombeiros em reconhecimento ao trabalho no mesmo evento. Ele é um *self-made-man*.

Por outro lado, chamamos de *power-made-man* Chuck Rhoades, homem que vem de uma tradição familiar de advogados do serviço público que quer fazer a coisa certa por amor à Pátria e às leis. E também tem ambições políticas: quer se tornar governador. E da mesma forma que Bobby não tem limites para garantir sua riqueza, Chuck não tem limites para alçar voos mais altos em sua carreira. Dinheiro e poder estão em constante conflito nessa Guerra de Titãs.

E trazemos a ideia da Mitologia ao ver que Chuck acha que é um Perseu, filho de Zeus, que deve defender a sociedade (no caso, os Estados Unidos) do desejo insaciável de um Hades, deus do submundo do dinheiro. O Hades-Axelrod é do submundo porque, no ponto de vista do Procurador, ele não faz dinheiro como o americano comum deve fazer: com o trabalho. Ele especula, compra pessoas e informações. Hades-Axelrod controla pessoas com o dinheiro e Perseu-Chuck acredita liderar um grupo de guerreiros – a equipe do Distrito Sul – para impedir a devastação da Terra, ou melhor, da sociedade norte-americana.

Caracterizada a disputa dinheiro-poder, podemos trazer a personagem que antagoniza, disputa, controla e acende o pavio da bomba que explode ao final da primeira temporada colocando Chuck e Bobby frente a frente em confronto: Wendy Rhoades.

A esposa de Chuck, antes do casamento, alicerçou ao lado de Bobby, a Axe Capital. Ela é a psicóloga da empresa que “constrói” os “guerreiros” do capitalismo selvagem do mundo da especulação financeira. É a ela que os funcionários da empresa

recorrem quando estão inseguros e apostando errado, fazendo a empresa, e consequentemente eles, perder dinheiro. Bobby também recorre à Wendy quando acha que está perdendo o faro dos negócios, tomando decisões erradas.

Somos apresentados a Dra. Wendy em uma sessão de atendimento com um funcionário do mercado financeiro aos 15'30'' do piloto. Ele pede medicamento. Ela faz uma anamnese. Nega medicamento e muda o tom. Age como um *coach* encorajando-o a lidar com o sucesso e não com o fracasso. O rapaz sai confiante da sala e a câmera o acompanha mostrando a marca da Axe Capital na parede. É neste justo momento que sabemos onde Wendy trabalha. É também quando percebemos que Wendy forja e mantém eficiente os profissionais que seu marido rejeita: o investidor sem escrúpulos do mercado financeiro.

A cena seguinte é quando encontramos Wendy e Chuck em família com dois filhos. A conversa entre eles começa amena até que Chuck sugere que Wendy mude de emprego. Ficamos sabendo de vários fatos: o conflito de interesses, que Wendy ganha oito vezes mais do que o marido, que ela já trabalhava na empresa antes do casamento, que o pai de Chuck é um assunto proibido entre eles até que Chuck diz a frase fundamental, aquilo que ele acredita: eu trabalho para o bem público. E Wendy rebate dizendo que ele trabalha para o próprio bem e que apenas algumas vezes os dois objetivos coincidem. Neste ponto, Wendy e Chuck acalmam os ânimos e partem para os elogios. Ela o chama de super-herói. Ele diz que ela é matadora.

Sim, Wendy é uma matadora que antagoniza com os dois protagonistas. Ela controla, manipula e tira vantagem de ambos. Ela entende a importância do dinheiro – ganha mais do que o marido, tira vantagem dos bônus e presentes que ganha de Bobby que quer mantê-la na empresa –, do poder – sabe quais são as pretensões do marido e do chefe e estimula ambos potencializando o conflito – e da confiança. Este é um pilar fundamental na relação entre os personagens. É o que sustenta também a relação de outra mulher, Lara Axelrod, com o marido.

Lara é como um cão de guarda do marido Bobby. O casal também tem dois filhos e na vida familiar vemos como eles estimulam a competição e a disputa entre os irmãos. Tal maneira de educar contradiz com a que vemos no casal Chuck-Wendy porque quando ela fala que ganha mais do que ele, se coloca em disputa com o marido, ele a pergunta se é isso que eles estão ensinando aos filhos. Ela aquiesce.

Enquanto a apresentação de Wendy é mais independente do marido, Lara, antes de aparecer em casa, aparece rapidamente na cena da pizzeria – a cena na qual Bobby

é apresentado – e na sequência em que Bobby entrega o pagamento da faculdade dos filhos dos ex-sócios.

É uma sequência, de apenas duas cenas, particularmente importante porque rapidamente caracteriza o perfil de Lara. Na primeira cena, uma das viúvas demonstra ressentimento por Bobby estar vivo e ter herdado toda a empresa. Em seguida, Lara acompanha a viúva até outro ambiente onde esta se desculpa. Lara, secamente, a ameaça dizendo que veio da pobreza a aprendeu a se defender assim. É com a mesma secura que Lara aguenta revezes em seus negócios no restaurante com a irmã e a pressão da família para deixar Bobby. No entanto, Lara tem um pacto de confiança com o marido que implica em até mesmo fugir do país com os filhos e barras de ouro, caso haja algum problema com a justiça.

Apesar de termos dois casais, eles não formam grupos antagonistas uma vez que a função de Wendy é completamente diferente da de Lara. Wendy é uma potência que estressa a relação dos coprotagonistas. Lara engrossa a fileira dos partidários de Bobby, sua equipe de fiéis escudeiros e funcionários que compartilham do desejo de enriquecer. No entanto, todos eles, a exceção de Mike Wagner, temem Bobby. Estes podem, a qualquer momento, ser demitidos ou comprados, como acontece com Donnie Cann.

Chuck também tem seus fiéis escudeiros que compartilham dos objetivos patrióticos, que dispõem ofertas milionárias na iniciativa privada, pela missão de defender os princípios éticos da nação (mesmo que signifique agir de maneira não ética, como faz Bryan ao falsificar um documento para proteger Donnie Cann que está infiltrado na Axe Capital).

Antes que passemos ao caso Donnie – que exemplifica a segunda questão de nosso artigo: o uso do foco narrativo externo – devemos mostrar que a ação não ética de Bryan, que acontece no episódio 8, serve para reforçar a ideia de missão dos escudeiros do Estado representado por Chuck. Este, ao ver que Bryan está sofrendo por ter agido em desacordo com a lei, convence-o de que o fez por boa causa e que o funcionário demitido por Bobby, sob suspeita de estar infiltrado, mereceu porque trabalhava em um negócio sujo. Por fim, Chuck e Bryan concordam que agiram mal, mas por um mundo melhor. Fica claro, portanto, que os escudeiros do Procurador do Distrito Sul estão dispostos a tudo.

Quando pensamos que tradicionalmente o antagonista se caracteriza por lutar para impedir que o protagonista alcance seu objetivo, confirmamos nossa tese de que Chuck e Bobby não se confrontam porque um quer o que o outro tem ou quer impedir o outro

de ter. A razão de cada um é externa a eles. Eles discordam por princípios, o que é explicitado na cena final do último episódio da primeira temporada. Ambos perderam Wendy. Ela os deixou porque a confiança foi perdida: Bobby a acusou de uma traição que ela não cometeu; Chuck a traiu ao invadir seu computador com as anotações sigilosas da sessão com Bobby.

Nesta cena final, eles defendem seus pontos de vista:

“Chuck: Meu papel é colocar bandidos como você na cadeia.

Bobby: Esse país foi construído sob a indústria e concorrência. Sempre haverá lugar para mim.

Chuck: Você se compara a mitos românticos como “Billy, The Kid” e outros que roubaram e destruíram vidas. Você desequilibra o sistema deixando caos e pobreza.

Bobby: Eu faço o sistema funcionar. Eu contribuo com impostos e filantropia.”

Enfim, eles confrontam diante dos olhos dos espectadores os dois pilares dos Estados Unidos: dinheiro-capitalismo e pátria-constituição, presentes na maioria dos filmes norte-americanos.

É ainda na primeira temporada que se revela uma estratégia narrativa que caracteriza a série *Billions*: o uso da focalização externa. O foco narrativo, na literatura e no audiovisual, relaciona-se com a questão do saber, ou seja, do controle do conhecimento sobre o que se passa na narrativa e no interior de seus personagens e é definida por três tipos. A focalização zero ocorre quando o narrador sabe mais do que os personagens, ou seja, é o caso do narrador onisciente na literatura e o tipo de foco mais usado no audiovisual. Na focalização zero, o espectador é levado a todos os espaços, ao lado de vários personagens e sabe tudo o que acontece.

Na focalização interna, o saber limita-se ao personagem focalizador. Ou seja, nós, leitores e espectadores, só sabemos o que um determinado personagem sabe. Quando ele é surpreendido, nós também o somos. É uma estratégia que cria empatia com o personagem que controla o foco narrativo, ou seja, o conhecimento dos fatos.

Já a focalização externa, constrói uma narrativa “objetiva” na qual desconhecemos os pensamentos e os sentimentos dos personagens, sabemos menos do que eles, não conhecemos suas motivações. Apesar de na literatura ser mais rara, no audiovisual é

bastante usada e caracterizada por fazer com que os espectadores saibam menos que os personagens ou um determinado personagem.

Na primeira temporada, a focalização externa é construída a partir da história de Donnie Cann, que citámos anteriormente. Funcionário da Axe Capital, Cann é cooptado pelos advogados do Distrito Sul para depor contra Bobby e usar um grampo para gravar conversas comprometedoras. Do ponto de vista do espectador, ele está cumprindo essa função. O personagem demonstra suas dúvidas, age conforme os advogados da procuradoria esperam, mas em determinado momento, ele simplesmente desaparece. Deixa sua camisa com o microfone da escuta em uma cadeira, pega seu carro e parte para local desconhecido.

Mais a frente, vamos descobrir que ele fez um acordo financeiro com Bobby para fingir que agia a favor da Procuradoria. Bobby construiu uma sala do silêncio que impedia que as ondas do microfone chegassem à gravação externa onde conversava com Donnie. E pior: vamos descobrir ainda que Bobby enganou Donnie. Prometeu não apenas uma fortuna para garantir o futuro da família dele, mas um tratamento médico. Só que nós, espectadores, passamos a saber após a morte de Donnie que havia um medicamento experimental que poderia prolongar por alguns meses sua vida, mas que Bobby pediu ao médico que não usasse para evitar que desse tempo de seu empregado depor na justiça. Temos o uso da focalização externa a partir de Bobby porque ele sabe tudo: que Donnie está infiltrado, que há uma medicação capaz de prolongar a vida do funcionário, mas nós só vamos descobrir quando Donnie morre. Aliás, nós somos espectadores privilegiados, porque nem mesmo os outros personagens da trama souberam de todos os detalhes da trágica história de Donnie Cann.

O conhecimento *a posteriori* da ação dos personagens constitui o foco narrativo externo utilizado como estratégia narrativa na série por mais de uma vez. Na segunda temporada, a focalização externa se repete no caso em que Chuck, pai, e Ira, o melhor amigo de Chuck, estão investindo em um negócio de sucos naturais. Sem que o espectador saiba, Chuck usa o negócio para provocar Bobby que constrói uma sabotagem contra o negócio: alguns sucos são contaminados para fazer as ações caírem. É uma sequência narrativa do 11º episódio no qual vemos o próprio Chuck abalado com o fato, até porque seu pai investiu toda a sua herança no negócio.

No início do 12º e último episódio, ficamos sabendo que Chuck usou o negócio do melhor amigo, que pode recuperar o investimento na Justiça, e do pai, que perdeu tudo, para implicar Bobby e levá-lo a cadeia. É uma ação imperdoável, mas que o

Procurador do Distrito Sul não pode evitar porque ele cai na *hybris*. No erro fatal provocado pelo sentimento de ser imbatível, infalível, e por reafirmar a tese que permeia todas as temporadas de *Billions: we do what it takes*.

BILIOGRAFIA

- Cândido, A. et al. 2009. *O Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva.
- Gaudrault, A; Jost, F. 2009. *A Narrativa Cinematográfica*. Tradução de Adalberto Müller, Ciro Inácio Marcondes e Rita Jover Faleiros. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Reis, C. 2006. *Narratologia(s) e Teoria da Personagem*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.